

Para citar esse documento:

VILAÇA, Aline Serzedello Neves. JazzComJazz: nuances sensíveis da Cia, a luz da (suposta) *krisis* entre a poética/estética do fazer artístico afrodiaspórico e a tradição estética alemã. *Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Goiânia: ANDA, 2016. p. 355-367.



www.portalanda.org.br

Apoio:



JAZZCOMJAZZ

NUANCES SENSÍVEIS DA CIA, À LUZ DA (SUPOSTA) KRISIS ENTRE A POÉTICA/ESTÉTICA DO FAZER ARTÍSTICO AFRODIASPÓRICO E A TRADIÇÃO ESTÉTICA ALEMÃ.

VILAÇA, Aline Serzedello Neves. (CEFET- RJ; UFS- SE)*

RESUMO: O artigo que segue, pretende apresentar as características plásticas da Cia JazzcomJazz- Viçosa- MG, correlatando- as às nuances, detalhes, características das Artes Negras, explicitando componentes gerais que poderiam constituir uma estética/ poética que percorre, delinea o que é afroparente. Ao seguir esta hipótese recorreremos a história da tradição filosófica greco-romana, lembrando a poética aristotélica, avançando até a Estética enquanto disciplina descendente da trajetória filosófica citada, cuja composição, sistematização, *a posteriori*, privilegiaremos a canônica tradição alemã hegeliana. No entanto, ao nos depararmos com essa linhagem eurocentrada de crítica, análise e avaliação da Arte, fora necessário convocar V. Y. Mudimbe (1988), Renato Noguera (2014), Stuart Hall (2013) e Paul Gilroy (2012), e seus pensares afrocentrados de empoderamento negro- intelecto- militante, para embasar a crise 'suposta' que se dá, entre a primeira *episteme* não negra e ocidentalizada, no momento de contato em posição hierárquica e juízo de valor com as criações poéticas, sensíveis, estéticas, plásticas, ou seja, em contato com Artes Negras, Afrodiáspóricas, Africanas e/ou afro-orientadas.

PALAVRAS CHAVE: AFRODESCENDÊNCIA. JAZZ. FILOSOFIA. ESTÉTICA.

JAZZCOMJAZZ

THE SENSITIVE MARKS OF JAZZCOMJAZZ DANCE COMPANY ENLIGHTENED BY THE ALLEGED 'KRISIS' BETWEEN THE GERMAN AESTHETIC TRADITION AND THE POETIC/AESTHETIC IN AFRODIASPORIC ART COMPOSITION

ABSTRACT: The article present the artistic characteristics of a dance company called JazzcomJazz-Viçosa-MG, connecting then with details, poetics or characteristics of Black Artistic expressions, showing characteristics that might be the aesthetic or poetic from afrodescendent roots. That hypothesis made us research the history of Greek-Roman traditional philosophy, reminding the poetic from Aristoteles, the aesthetic as a discipline and research area based on the German traditional studies using Hegel as canone reference. But, during the studies was inevitable to realize the Eurocentric way to criticize, analyze and show the worth of the Black Art, because of that we saw the necessity to bring afrocentric, black empowerment and activist authors as V. Y. Mudimbe (1988), Renato Noguera (2014), Stuart Hall (2013) and Paul Gilroy (2012) to build the intellectual reference for this article. Understanding that the alleged "krisis" happens when the Eurocentric aesthetic

tradition sees the Afrocentric, afro-diasporic, afro-related, and Black Art from a racist and white episteme perspective.

KEYWORDS: AFRODESCENDENT. JAZZ. PHILOSOPHY. AESTHETIC.

[...] levar a filosofia até seus próprios limites e metáforas nas ciências sociais e a de questionar os contatos ambíguos da filosofia com discursos não- filosóficos justifiquem o meu compromisso não para com a filosofia, nem para uma África inventada, mas para o que significa ser hoje africano e filósofo. [...](MUDIMBE, 1988, p. 04)

O presente artigo se limitará a explanação geral das dimensões estéticas reconhecíveis, (análise do sensível, juízo do gosto, filosofia da Arte, análise da Arte), presente nas discussões propostas outrora pelos autores elencados. As artes afrodiaspóricas serão lidas junto à perseguição do conjunto de características sensíveis, (forma, aparência, sonoridade, tessitura, tonalidade, entre outras) que estabelecem um macro-movimento identitário, sendo analisadas em linhas gerais.

Agregado a este macro- movimento, realçaremos as marcas criativas- artísticas recorrentes nas composições espetaculares da Cia de Dança JazzcomJazz, as quais constituem-se como micro- movimento diante deste 'todo' afroparente. Cenas dos espetáculos, e registros fotográficos, contribuirão como conteúdo imagético comprobatório destas chamadas características artísticas afrodiaspóricas e potencial ilustrativo a contrapor-se e/ou, em semelhança, ao que fora, por exemplo, definido como evidência determinante dos aspectos artísticos sob o julgar da tradição estética alemã.

Importante citar, enquanto delimitação do problema, e ponto que contribui para a real possibilidade de abrangência do artigo, o fato e posicionamento, no qual, não busco escavar ou adentrar a reivindicação feita por muitos do movimento negro. Movimento que claramente me identifico. A polêmica dá-se, na contestação acerca da preexistência da filosofia em território egípcio, reivindicando por assim dizer, uma filosofia africana, uma estética africana e um lugar de autoria e fundação da Filosofia por africanos, afirmo que tal questão não será publicizada neste trabalho, embora, o

mesmo, possa até soar etnofilosófico¹ haja vista a presença de africanistas, *gnose*, e uma 'estética/poética negra', as quais, sim, serão reivindicadas.

Registro por fim que, tampouco intento combater, agredir a Estética acusando-a de área do conhecimento racista, almejo contextualizar sua fundamentação e decorrer, em linhas gerais, para aproxima-la e distancia-la das possibilidades de análise que alcancem verossimilhante contato com as profundezas das Artes Negras, contestando, confrontando, talvez, a eficácia da primeira na análise profunda da segunda.

JazzcomJazz, registrado em 2009, como curso de extensão, no Departamento de Artes e Humanidades/ Curso de Dança, da Universidade Federal de Viçosa – UFV/MG. Em seguida consolidou-se como Projeto de Extensão, e atualmente envolve três frentes extensionistas, a primeira: Projetos de Extensão, *JazzcomJazz*, segunda *Jazz Brasil*, e *Compondo a Cena*, terceira iniciativa transdisciplinar do grupo. No ano de 2013, o coletivo de intérpretes-pesquisadores(as)-criadores(as) se autocompreenderam como componentes de uma Cia de Dança, após a aprovação da Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Minas, (não captada) e a diretora ser contemplada pelo Prêmio Agente Jovem de Cultura do MINC. O grande objetivo do fazer teórico-prático deste coletivo é a composição em Dança, inspirada nas histórias do Jazz Música e Dança, mergulhadas na história- sócio-político-cultural do Jazz, valorizando a afrodescendência do mesmo, e revelando a potência de encarar o fazer artístico-estético e poético como fazer militante, revelador de particularidades sensíveis e ancestralidades.

Observo no fazer dançante do grupo uma coerência, ou insistência metodológica que recorre ao uso constante das *marcas sensíveis e formais* afroparentes, para além do ininterrupto compromisso com a história-sócio- político-cultural do Jazz estadunidense e de outros territórios da diáspora negra. As tais '*marcas*' foram e são reiteradas nestes cinco anos como: elemento fundante, matriz

¹ Etnofilosofia "O termo "etnofilosofia" foi cunhado por Paulin Hountondji para referir-se aos antropólogos, sociólogos, etnógrafos e filósofos que trabalham com as coletivas filosofias de vida dos povos africanos." No entanto, ainda não me certifico disso. (MUDIMBE, p. 19)

cultural, racial, na qualidade de instrumento metodológico, regra, conjunto de estratégias, e quiçá², 'estética' e/ou 'poética'.

Cantar, dançar, sorrir, trançar os cabelos, plantar, colher, ritmar as batidas do pilão. Sapatear ao quebrar o coco, cozinhar a cocada e entregar para o santo. Lavar tecidos, na beira do rio, batizar-se ali mesmo. Sair à caça, entoar a melodia durante o regresso. Ser jazzista, sambista, tangueiro, sacerdote, *bluesman*. Ser sem título, ou compreender todos eles. Subverter os limites das nomenclaturas, ser apenas, distanciando-se de efeitos de 'verdade em si'. Distanciando-se do mundo racional, dicotômico. Vivenciar o mundo sensível ou das ideias, das aparências. Será que nesta contemporaneidade podemos segmentar assim? Será que as tradições dos povos originários podem ser analiticamente fragmentadas?

Isadora Duncan (1877- 1927), libertária bailarina do apogeu das quebras de paradigmas da Dança Clássica, agrediu o Jazz com severas palavras que o minimizavam como gênero sonoro selvagem. *Josephine Baker (1906- 1975)*, escandalizou àqueles desejosos de entendimento harmônico, ao revelar seu corpo, ao ondular seu quadril e agitar suas pernas, "a Cleópatra do jazz", foi quase expulsa do 'mundo', tal qual *charleston* o seria da Holanda, ou proibida como ragtime, swing, ou Jazz, na Alemanha entre guerras. Música e dança, foram demonizadas, rechaçadas às trevas, assim como as esculturas da África Ocidental. Ora, todo esse processo de marginalização, para depois, em tempos de nacionalismo romântico, serem exaltados como os mais exuberantes 'artefatos', folclóricos e exóticos?

Grito. Que território é este que as Artes Negras ocuparam e ocupam? Será este território, perverso? Será o planeta eurocêntrico? Será a valorização e o reconhecimento artístico, questão de gosto? O *status* de Arte está na coisa ou nos olhos de quem vê? Tantas questões saltitam por dentre as invisíveis entrelinhas deste artigo. Retorno, então aos pormenores.

Do começo... (talvez)

² Neste artigo não poderemos discutir este "quiçá" junto a diferenciação ou similitude dos conceitos de estética e poética, mas trabalharemos a proposição das 'marcas sensíveis' como estruturas de uma estética/ poética Negra.

Esta proposta argumentativa circunscreve-se no âmbito da filosofia, considerando o conhecido compromisso desta área científico-racional, para com, o esmiuçar dos mais diversos temas, paradigmas, fenômenos, em busca da prática ao apreço de conhecer, saber. Parece estratégico, traçar, aprofundar um panorama geral de apreensão da Estética, com o objetivo de balizar as futuras discussões e propostas argumentativas tendo como pilares *Aristóteles, Baumgarten, Kant, Hegel*, (no entanto, sem espaço neste artigo para apresentá-los) dando margem neste investigar para possíveis apêndices junto às discussões propostas por *Nietzsche, Merleau-Ponty*. Ora, solidificar o entendimento das dimensões estéticas, objetivo principal, provavelmente garantirá, dar o salto e localizar a crise sugerida, já mencionada. No entanto, sem perder de vista o desejo de *Mudimbe(1941-)* na abertura deste artigo, desejo este que compartilho, o qual, ao expor a Filosofia e a historicidade deste fazer, não negligenciar o africano que é, da mesma forma, a afro-brasileira comprometida com a história e histórias do Jazz.

É sabido que Estética, enquanto substantivo foi primeiramente usado por *Baumgarten(1714- 1762)*, o qual primeiro recorreu à palavra em latim, e em seguida, junto a seus estudos acerca da Arte, passou a utilizar em sua língua mãe, o alemão. Mas, como de costume nos processos históricos a conceituação da Estética é resultado de elaborações passadas na caminhada do debruçar sobre a poética, as obras sensíveis, e sobre a racionalização do entendimento e crítica da Arte, junto a explorações sobre as propriedades fundadoras do fazer artístico.

O *Dictionnaire Historique et Critique de la Philosophie* de A. Lalande (1980) define-a como “ciência que tem por objeto o juízo da apreciação que aplica à distinção do belo e do feio”, mas o *Vocabulaire de l’Esthétique* (1990) descreve-a como “a filosofia e (a) ciência da arte”; mais consensuais, *Historisches Wörterbuch der Philosophie* (1971), *Enciclopedia Filosofica* (1967) e *Academic American Encyclopaedia* (1993) definem-na como o ramo da filosofia que trata das artes e da beleza. (TALON- HUGON, 2008, p. 07)

Acima trouxe um exemplo de tentativa de convergência de opiniões, papel sim, das publicações citadas. No entanto, os filósofos já convocados a compor este trabalho estão aqui justamente por postularem teses chave na história da disciplina, e/ou contrárias e por vezes complementares.

Faz-se necessário lembrar que “uma parte da obra de *Baumgarten* consiste numa poética, quer dizer, numa teoria normativa da obra de arte. Sendo a poética “o

conjunto das regras a que o poema deve conformar-se”, a “poética filosófica” (Meditações, § 9)”, mais à frente no mesmo estudo o filósofo afirma que “A Estética também comporta essa “poética filosófica”, mas não se reduz a isso. Ela é também filosofia da faculdade de sentir;”. (TALON- HUGON, 2008, p. 44)

Sob esta linha de pensamento a “estética é explicitamente apresentada como uma teoria da sensibilidade, mas da sensibilidade como modo de conhecimento”, e esta afirmação me faz lembrar de todo conhecimento empírico que circunscreve o *modus operandi* do conhecer afrodescendente. (TALON- HUGON, 2008, p. 45)

Diferente do que avaliava *Platão* e/ou *Kant*, esta teoria da sensibilidade abordava a faculdade de sentir como faculdade autônoma de conhecer e não apenas fornecedora de materiais a serem tratados pela razão. (TALON- HUGON, 2008, p. 45)

De facto, na época da *Crítica da Razão Pura*, *Kant* não via lugar na filosofia para a estética, quer – afirmava ele então – se compreenda a estética no sentido psicológico de crítica do gosto ou de teoria do belo (como querem os ingleses e os franceses) e, então, ela entronca na antropologia e não na filosofia; quer fazendo dela uma disciplina autenticamente filosófica, que já não é uma doutrina do belo e do gosto, mas uma análise do espaço e do tempo como formas a priori da sensibilidade (é o sentido da parte da *Crítica da Razão Pura* intitulada “Estética transcendental” na qual *Kant* estuda a maneira como os fenômenos acontecem). (TALON- HUGON, 2008, p. 46)

No entanto, o uso da Estética como substantivo introduzido acima, a partir de 1790, *Kant* (1724- 1804), adjetiva-o deslocando a representação que antes relacionava-se com objeto, passando o contato ao sujeito. Para tanto, “a primeira parte da *Crítica da Faculdade do Juízo* examina a questão que atravessa o século: saber como o juízo estético que é subjectivo pode, não obstante, ter uma validade universal”. Beleza e sublime são neste último texto Kantiano, citado, apresentados como duas categorias estéticas distintas, a primeira contida nas “formas espaciais e temporais dos objetos”, e a segunda, atreladas aos campos que só a razão e a moralidade poderiam alcançar. (TALON- HUGON, 2008, p. 47)

Assim, *Kant* revela mais um leque de reflexões relacionadas à conceituação da Estética, beleza, sublime, juízo do gosto, apreensão e conhecimento do belo, e do sublime. Assim como o lugar do prazer, do/ com/ a partir do belo.

Mais adiante nesta pincelada retrospectiva, é fundamental recordar de *Hegel* (1770- 1831), o qual durante os anos de 1818 e 1830, na Universidade de Berlim, apresentou seu *Curso de Estética*. (idem, p. 55)

Hegel escreve, sintomaticamente: "O objeto da estética é o vasto reino do belo e o seu domínio, a arte". Observando imediatamente que a palavra "estética" não convém, dada a sua etimologia e a recente definição de "ciência do sentir" que dela foi dada por Baumgarten, prefere a expressão "filosofia da arte". (TALON- HUGON, 2008, p. 51)

Ora, chegamos enfim, em um período romântico alemão e um popular estado de época, em que o acordo majoritário, situava a Estética como Filosofia da Arte. Entende-se que a partir de Hegel, "O conteúdo da arte é o absoluto, a verdade do ser", e a disciplina estética sublinharia os significados e conteúdos das obras de arte, diferente da concentração kantiana nas características da experiência estética. (TALON- HUGON, 2008, p. 55)

Hegel ainda abordará grandes reflexões acerca da arte, da obra, e da estética em suas conexões com o 'Espírito Absoluto', no entanto está breve contextualização dos pilares da investigação das dimensões estéticas, não tem espaço para maiores detalhes das obras de Baumgarten, Kant e/ou Hegel, assim como dos citados, Aristóteles (384 a.E.C³.–322 a.E.C.), Merleau- Ponty (1908- 1961) e Nietzsche (1844- 1900). Deve-se a este escasso espaço, também, o fato do referencial teórico deste artigo ser apoiado em autores como BRANDÃO, CHAUI, TALON, que apresentam os cânones lidos minuciosamente por esses pesquisadores, e a não citação do original.

Torna-se evidente que a inquietação artística e estético- filosófica perpassa o ponderar acadêmico acerca da pertinência ou não, da tradição estética alemã fruto da filosofia greco-romana, para a análise da Arte Afrodiaspórica, sob o ensejo e compromisso de densificar argumentos que ao visitarem esse referencial bibliográfico, tornam-se capacitados a desmarginalizar, deslocar espaços como: exótico e/ou grotesco, disforme, e não- harmônico, relegados às manifestações negras. Desconstruindo, enfim, perspectivas eurocêtricas ainda hoje publicizadas.

Da contra- argumentação...

³ a.E.C – antes da Era Comum. Convenção contemporânea que marca tempo subvertendo a religiosidade que dantes demarcava o antes e depois histórico.

Mudimbe (1941 -), filósofo nascido na República Democrática do Congo, no livro denominado "A Invenção da África: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento"⁴, afirma que:

De um ponto de vista estrito, a noção de filosofia africana refere-se às contribuições de africanos praticando filosofia dentro do enquadramento da disciplina e da sua tradição histórica (Horton, 1976, Hountondji 1977). É apenas metaforicamente ou, na melhor das hipóteses, a partir de uma perspectiva historicista, que a noção de filosofia pode ser alargada aos sistemas de pensamento tradicionais africanos, considerando- os como processos dinâmicos em que as experiências concretas são integradas numa ordem de conceitos e de discursos (LADRIÈRE, 1979, 14- 15, apud MUDIMBE, 1988, p. 01)

Podemos ponderar que quando o autor supõe que é "apenas metaforicamente ou, na melhor das hipóteses", talvez ele siga o mesmo raciocínio aqui proposto, que a Filosofia como estratégia de conhecer, e disciplina greco-romana, assim como, a Estética, que compreende heranças destes espaços geográficos europeus, e substantiva e adjetivamente é fundada no também europeu território, Alemanha, são por assim dizer, objetivamente nomenclaturizadas, estruturadas, por europeus com demandas europeias. E este é o domínio europeu destas, ou seja, a aparência exterior foi legitimada por essas escolas, o nome, o batismo. Talvez, o que a Filosofia representa, seu interior, sua metodologia, seu 'amor a sabedoria', sua 'essência', já eram práticas ativas e aplicáveis em diversas partes da grande continente Africano.

No entanto, ao propor o termo *Gnose*, *Mudimbe*, esclarece que: "Etimologicamente, o termo gnose relaciona-se com gnosko, que em Grego antigo significa 'saber'". (MUDIMBE, 1988, p. 01)

Especificamente, gnose significa busca do saber, pesquisa, métodos do saber, investigação e, até mesmo, familiarização com alguém. Frequentemente, a palavra é utilizada em sentido mais especializado, o de um conhecimento mais elevado e esotérico, e refere-se, assim, a um conhecimento estruturado, comum e convencional, mas sob o controle de procedimentos específicos, no que respeita tanto ao seu uso quanto à sua transmissão. A gnose é consequentemente, diferente da *doxa* ou da opinião e, por outro lado, não pode ser confundido com a *episteme*, entendido, a um tempo, como ciência e configuração intelectual geral.(MUDIMBE, 1988, p.01, grifo meu)

⁴ Livro *The Invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge*. Bloomington: Indiana University Press, 1988.

Mudimbe observa a *gnose* como um elemento presente no todo complexo que compõe o universo de conhecimento e apreensão do mundo no *modus* africano, e ousa completar, um universo composto por diversas africanidades, haja vista as inúmeras etnias que vivem, sobrevivem, descolam, e se deslocaram dentro e fora do continente. Serve ao propósito deste artigo, articular a *gnose*, enquanto abordagem complexa, elevada, e holística para observar, julgar, apreciar, apreender, compreender, e fruir, às Artes Negras, que supostamente carregam em si, o componente africanidade, que por assim dizer, está impregnado, de complexidades correlatas à forma ancestral de viver, com-viver, e artes-fazer do continente, pensado este, em linhas gerais.

Lançar um olhar africanista sob o JazzcomJazz

O cerne da questão é que, até agora, tanto os intérpretes ocidentais como os analistas africanos têm usado categorias e sistemas conceituais que dependem de uma ordem epistemológica ocidental. (MUDIMBE, 1988, p. 02)

Em busca de derrubar, ou desconstruir o dado 'etnocentrismo epistemológico', já assistimos o pan-africanismo, o negritude, o Movimento Negro Unificado, entre muitos outros, e realço aqui, prestando homenagem aos citados, a postura africanista.

Sendo eu, não apenas ocidental, mas altamente ocidentalizada, poderia levantar e sustentar de fato a questão título deste item?

A cerca desta inquietação *Mudimbe* provoca e responde,

Quem tem o direito e as credenciais para produzir, descrever, comentar ou, pelo menos, apresentar opiniões sobre ela? Ninguém se ofende se um antropólogo for questionado. Mas estranhamente, os africanistas – e entre eles, os antropólogos- decidiram separar o Africano "autêntico" do Africano ocidentalizado e confiar apenas no primeiro. Ao rejeitar o mito do "homem da selva", J. Jahn⁵ escolheu "virar-se para aqueles africanos que têm a sua própria opinião e que irão determinar o futuro da África: aqueles, por outras palavras, de quem se diz que estão a tentar fazer reviver a tradição africana"(Jahn, 1961, p.16). Contudo, a decisão de Jahn parece exagerada. Preferiria uma autoridade mais abrangente: os discursos de intelectuais como uma biblioteca crítica e, se fosse possível, a experiência de formas de sabedoria rejeitadas que não fazem parte das estruturas do poder político e do conhecimento científico. (MUDIMBE, 1988, 03)

⁵ *Janheinz Jahn* (1918- 1973). Alemão. Foi estudante de Drama e Literaturas. Antropólogo. Autor de livros como: *Muntu: Na Outline of the New African Culture*. New York: Grove Press. Sobre J. Jahn. Disponível em: http://www.jahn-bibliothek.ifeas.uni-mainz.de/225_ENG_HTML.php Acessado: Maio 2015.

Ora, o “locus epistemológico não africano” é um incômodo, mostra-se como mais uma forma de opressão, mas excluir toda e qualquer produção sobre África, ou sobre a diáspora negra, produzida por autores não negros, ou não conceitualmente negra, talvez seja por demais radical. Por exemplo, o JazzcomJazz, atualmente é composto por um elenco de intérpretes- pesquisadores, majoritariamente brancos(as), ou não negros(as), devo então, desprezar toda e qualquer produção artística e teórica sobre o coletivo, caso a assinatura for de um destes membros supostamente não afrodescendentes?

Ao debruçar-se sobre o colonialismo que ainda impera sob diversas frentes simbólicas, *Mudimbe* nos leva a crer que para além de nos preocuparmos com a etnia do autor, devemos nos preocupar com o teor do discurso, nos assegurarmos que não se trata de mais uma argumentação colonialista, eurocêntrica⁶, racista, fetichista, por exemplo.

Das Marginalidades...

Contudo, [...] a identidade e a alteridade são sempre dadas a outros, assumidas por Eu ou um Nós- sujeito, estruturas em múltiplas histórias individuais e, de qualquer modo, exprimidas ou silenciadas segundo os desejos pessoais face a um *episteme*. (MUDIMBE, 1988, p. 04)

Que o Jazz é marginal, periférico, popular, ou ao menos nasceu como tal, como manifestação suburbana, promíscua, impregnado de cotidiano, de expressividade da dolorosa negra vida vivida, já é sabido e comprovado por inúmeros historiadores desta música e dança estadunidense. Abordo-o como estratégia de sobrevivência, afirmação, resistência, identificação e reconhecimento de parte da população afroascendente daquele território. E prova da contínua tentativa de ser silenciado, pela *episteme* dominante citada. No entanto, lembro aqui a noção de “espaço intermédio”, “marginal” discutida por *Mudimbe (idem, p.09)*, noção está que realça o perigoso lugar entre a lembrança mítica do passado ancestral e tradicional, e a pressão de tudo que é colonialista.

⁶ Eurocentrismo. Trata-se de um modelo que domina o nosso pensamento e que, dada a sua projeção à escala mundial, por via da expansão do capitalismo e do fenômeno colonial, marca a cultura contemporânea, impondo- se como um modelo fortemente condicionado para alguns e de aculturação forçada para outros.(MUDIMBE, 1988, p. 08)

Não obstante, proponho aqui lembrar que as características que rechaçaram o Jazz, e em seu princípio o limitaram a marginalidade, são características tidas como primitivas e correlatas à descendência africana e afrodiáspórica, porém, não só compõem as características usadas no coletivo JazzcomJazz, assim como, o mesmo às valoriza, e enaltece. Ora, julgamos estas, enquanto provas da resiliência de um povo e identificáveis em diversas manifestações artísticas da diáspora negra. Talvez, estamos discutindo marginalidades de naturezas distintas, pelo sim, ou pelo não, evidenciar faz-se relevante.

Episteme africanista jazzística marginal

Tônus muscular ativado, uso dos quadris, movimentação voltada para a terra, síncope, uso dissociado de partes do corpo, transito em diferentes níveis do espaço, assimetria, sensualidade, sexualidade não pecamizada. Entrelaçar do ritual-profano-cotidiano-artístico-cultural, não bipartição das estruturas psíquicas e corporais. Complexidade rítmica, não preocupação ou julgamento limitante com o que pode ser considerado feio- estranho- dissonante- diferente- experimental. Congruência de linguagens artísticas. Fórmula 'pergunta e resposta' e/ou "chamada e resposta". Transmissão oral e/ou corporal, preservação da figura do mestre ou *griot*. Movimentação ou musicalização circular, presença da noção de movimento espiral. Espiritualidade e naturalidade para cita-la artisticamente.

As marcas sensíveis-fictícias-poéticas-criativas, quiçá, estéticas, presentes nos produtos artísticos, espetáculos e cenas da Cia JazzcomJazz, são exemplos, potências-representantes reconhecidas como, micro- movimento deste macro-movimento, pontuado, suposto, como fazer afrodiáspórico e resultado da marginalização, mas acima de tudo da resistência e re-existência⁷ dos artistas que compõem a árvore genealógica deste fenômeno musical e dançante.

Subvertendo o que Mudimbe, autor base neste texto, chamaria de uma "mesmidade normativa". (MUDIMBE, 1988, p. 16).

⁷ Re-existência. Termo utilizado pelo Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos no artigo: Reexistência e Escravidão na Educação das Relações Etnicorraciais. Vide também: SOUZA. Ana. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Enfim, foi sugerido nestas páginas que o mergulho JazzcomJazz, respira em meio à matrizes, matizes e motrizes afrocorrelatas. Promovendo assim, um movimento "africanista" no explicitar de características plásticas das Artes Negras. Neste caso, uma inauguração "africanista jazzística" marginal. Nada mais, do que o propósito com o qual nascera e/ou fora constituído o Jazz. E sob esta perspectiva, observando brevemente o nascedouro e sustentáculos da tradição alemã de Filosofia da Arte, a Estética, debatemos com o filósofo Mudimbe, a preposição de crise, entre essa tradição eurocentrada e a real possibilidade da mesma avaliar às Artes Negras. Numa tentativa mista de descolonizar a forma de criticar, e usar da própria história filosófica greco-romana e alemã para descredita-la. Invalida-la para o fim, juízo, sendo assim, incipiente para analisar o que identificamos como manifestação com potência resistente, por ser marginal, abrindo caminho também para debater o conceito de marginalidade e espaço intermédio levantado por Mudimbe.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura.**

Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CALADO, Carlos. **O jazz como espetáculo.** – São Paulo: perspectiva: Secretaria do estado da cultura, 1990.

ERLICH, Lillian. **Jazz: das raízes ao rock.** São Paulo: Cultrix, [19--].

LOUPPE, Laurence. **Poética da Dança Contemporânea.** Trad. Rute Costa. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

MANCE, Euclides André. **As filosofias Africanas e a Temática de Libertação.** IFIL – Instituto de Filosofia da Libertação, Curitiba, 1995. Disponível em: <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/africa.htm> Acesso em 2005.

MUDIMBE, V. Y. A. **Invenção da África:** Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Trad. MARTINS, L. P. p38. In: *The invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge.* Bloomington: Indiana University Press, 1988.

TALON- HUGON, Carole. **A Estética**: História e Teorias. Portugal: Edições texto & Gráfica, 2008.

*Aline Serzedello Neves Vilaça – alyneserze@gmail.com; Mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-raciais do CEFET/ RJ; Docente do curso de Licenciatura em Dança – UFS/SE; Especialista em Promoção da Igualdade Racial na Escola pela UFOP/ MG; Diretora geral da Cia JazzcomJazz- Viçosa- MG.